



## APRESENTAÇÃO

### PRODUÇÕES, PERSPECTIVAS E FORMAÇÕES: o sentido das mudanças nos espaços de formação, produção didática e de conhecimentos sobre o ensino de Sociologia na educação básica

Lígia Wilhelms Eras<sup>1</sup>

Os artigos que compõem a edição de *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais – CABECS* do ano de 2019/2020, destacam-se o modo como as metodologias e a produção de conhecimento sobre o ensino de Sociologia na educação básica tem sido desafiadas. Essa afirmação se evidencia pela configuração das análises desta edição, em que predominam abordagens comparadas, perspectivas epistemológicas e didáticas que evidenciam a diversidade e a ludicidade como um foro inovador e interativo.

Na seção e relatos de experiência em *Prendendo no jogar: uma experiência nas aulas de Sociologia no Ensino Médio*, o artigo problematiza o conceito de ludicidade que atravessou a experiência didática e de pesquisa de José Martins da Silva durante a realização de seu Estágio Supervisionado e Projetos Integradores em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas – UFAL e que foi desenvolvido na Escola Estadual Professora Judith Nascimento da Silva, localizada no município de Messias em Alagoas no ano letivo de 2018. Este artigo é reflexo de quatro momentos interligados desta atividade: a) a observação escolar e didáticas das aulas de Sociologia; b) a produção e aplicação do jogo de tabuleiro *Sociologia nas Trilhas* aos estudantes de ensino médio nas aulas de Sociologia; c) análise dos diários e registros de classe do período de 2004 a 2018 acerca do uso de jogos nas aulas de Sociologia no colégio; d) aplicação de questionário a 70 estudantes de Ensino Médio acerca de suas impressões sobre o jogo didático aplicado.

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora adjunta do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). E-mail: [ligiaweras@hotmail.com](mailto:ligiaweras@hotmail.com)

Silva relata que combinadas as aulas de Sociologia, o jogo de tabuleiro foi uma maneira de incentivar participação e envolvimento dos estudantes nas aulas. Inclusive foi uma preocupação do autor a impressão apenas do tabuleiro em lona, podendo ser reutilizado em novas conteúdos com perguntas norteadoras do jogo. Também relatou que foi necessário fazer pequenos ajustes na dinâmica do jogo ao longo da aplicação, para torná-lo mais atrativo, conferindo um lugar importante ao docente, como o mediador do jogo na elaboração das perguntas e na condução do consenso e trabalho em equipe. Outra ponderação importante do autor é a de que o jogo deve ter caráter participação voluntária, buscando convidar os estudantes a esta participação. Quanto aos resultados do questionário a partir da autopercepção estudantil, houve grande aceitabilidade do jogo como proposta didática alternativa, o considerando divertido e que pudesse ser aplicado como um dos recursos facilitadores da aprendizagem dos conteúdos de Sociologia na sala de aula. Os jogos didáticos são espaços lúdicos e produção ainda pouco explorados como exercício de reflexão de seus impactos na sala de aula e como objeto prioritário de estudos nas Ciências Sociais.

Encontramos um ponto comum curioso entre os textos desta edição, a análise de diferentes tipologias de produção de conhecimento sobre o ensino de Sociologia: o livro didático, os manuais escolares e o livro coletânea na seção de resenhas.

O *livro didático* segue como o componente material e didático de análise, elemento tradutor de mediação de saberes acadêmicos entre a cultura escolar e acadêmica. O exercício elaborado pela autora Joana da Costa Macedo foi inspirado nos trabalhos de Júlia Polessa Maçaira (UFRJ) e, de modo mais especial, em sua tese de doutorado<sup>2</sup> da análise comparada dos livros didáticos de Ensino de Sociologia nas realidades educacionais do Brasil e França. No artigo *Socialização política em livros didáticos: uma discussão curricular em perspectiva comparada*, Macedo analisa de comparativamente dois livros didáticos “Sociologia em Movimento” (SILVA *et al.*, 2013) e *Sciences sociales & politiques* (ÉCHAUDEMAISON *et al.*, 2012). As análises são minuciosas e descritivas com a contextualização dos cenários educacionais e dos sistemas de ensino, das obras didáticas destacadas e das políticas educacionais de ambos os países. As contribuições deste artigo permite ainda o acesso às seguintes discussões: a) diferentes propostas de recontextualização didáticas; b) interpretação da relação indivíduo e sociedade; c) o currículo como desdobramento de disputas ideológicas e políticas; d) currículo, conteúdos e processos de significação de realidades cotidianas; e) mudanças e projetos de educação e nação; f) diferentes dinâmicas e Sociologias na educação

---

<sup>2</sup> MAÇAIRA, Júlia Polessa. *O ensino de Sociologia e Ciências Sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos*. 2017. 342 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

básica; g) estudo referenciado em pesquisas e documentos legais na área de estudos sobre livro didático e currículo.

Contudo, a ênfase da análise se orienta para a apreensão do sentido de recontextualização didática, numa perspectiva bernsteiniana (1993), observando como os conteúdos sobre os processos de socialização estão organizados no livro didático brasileiro e francês. Macedo destaca que no livro didático brasileiro, o conteúdo de socialização é elaborado em três momentos separados e diferenciados da obra: a) os processos de socialização primária; b) as análises sociológicas das teorias clássicas e contemporâneas; c) socialização política atribuídos à seção de temas da ciência política. Ou seja, “uma abordagem mais conceitual e teórica. Contudo, o caráter histórico argumentativo aparece como elemento norteador da forma como esse conteúdo é exposto aos leitores”.

Já na organização do livro francês, os processos de socialização são abordados em dois momentos interligados: a) em estudos e autores que versam sobre a concepção de Estado de Direito e na constitucionalidade desse Estado; b) processos de socialização entre indivíduo e sociedade diretamente atrelados ao entendimento do funcionamento do sistema político e decisório, bem como as formas de participação política, “as instituições políticas e os processos decisórios são parte da socialização para além da discussão da teoria sociológica”.

A análise dos livros didáticos não encerra o debate sobre o tema, é um recorte da discussão e de verificação, do que cada material observado, com suas possibilidades e, obviamente, também lacunares, desvela diferentes contextos históricos e nacionais de percursos sociais, políticos, culturais e educacionais e o modo como o ensino de Sociologia se realiza.

Os *manuais escolares* configuram-se como um instigante e relevante objeto de estudo para a compreensão da construção e os rumos da História da Educação em nosso país. Essa é a proposta de análise dos autores Elizandra Cristina Rodrigues da Silva (UFAL) e Cristiano das Neves Bodart (UFAL), no artigo *A Formação de Professores Primários e as Disputas Ideológicas em Manuais Escolares de Sociologia da Educação (1930-1950)*. A pesquisa apresenta minuciosa análise histórica e descritiva das obras e da história intelectual e cultural do período, e de modo mais detido, o modo como os projetos de educação e de formação de professores, foram vislumbrados e apropriados, numa disputa ideológica e intelectual, cujas definições de modernização e nação estavam em jogo, as forças sociais, políticas e intelectuais que produziam narrativas e visões para essa reconstrução e ressignificação do país por meio da educação.

O currículo e a produção de manuais escolares, revelam além de organização das obras, conteúdos, audiência/recepção, didáticas, também espaços de circulação de ideias que pudessem

estrategicamente ser peça de legitimação e manutenção de poderes. Conforme comprovações de Silva e Bodart, é possível observar essa disputa ideológica, política e cultural – localizadas nos manuais escolares – no predomínio de duas interpretações e narrativas educacionais, a dos intelectuais católicos (Theobaldo Miranda Santos), cuja Sociologia da Educação empreendia um papel de formação e análises normativas, de socialização e moralização, cujas culturas e trajetórias educacionais religiosas são o pano de fundo; e a dos intelectuais laicos (Aquiles Archêro Junior, Fernando de Azevedo e Delgado de Carvalho) ou escolanovistas, que apresentavam a Sociologia da Educação, como um perspectiva de análise e formação científica e propositiva aos anseios de modernização do país, de um acesso mais democrático a educação, como formação cidadã, por meio de uma escola pública e laica. A perspectiva mannheimiana é a que orientou teoricamente as análises, da maneira como o espírito desta época se materializou nas obras didáticas, nos textos dos autores e na maneira como o ensino de Sociologia transitou e foi apropriado nos currículos dos cursos normais (magistério) e de Pedagogia (formação superior).

A produção de Elias Evangelista Gomes se remete a produção de curso no projeto político e pedagógico com reflexão singular e imprescindível em *Prática como componente curricular na formação docente para o ensino de Ciências Sociais: um olhar sobre a proposta da UNIFAL-MG*, quando registra em seu artigo um momento ímpar de mudanças e autorreflexão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), quanto a alteração do projeto político pedagógico do curso (PPP) à luz de um exercício de diálogo e escuta dos sujeitos dos processos de ensino e aprendizagem - a comunidade educacional; de um olhar crítico para o percurso do curso em suas as boas colheitas e práticas de ensino (laboratórios de ensino, formação subsidiada pelo Programa Institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID), dos processos de manutenção de diálogo estreito entre escola e universidade; a garantia de espaços de (re)elaboração do curso autônomos e consistentes; e o desafio pelo qual inúmeros cursos licenciatura no Brasil também tenham vivenciado, ou seja a adequação à reforma curricular proposta pela Resolução 02 de 1º de julho de 2015 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que versa sobre a implementação da prática como unidade curricular (400h) - o cerne da formação e da identidade docente – associada e interligada ao estágio supervisionado (400h).

É importante ponderar que o curso da UNIFAL já é um reflexo direto do pós-2008 (obrigatoriedade legal da disciplina de Sociologia nas escolas) quando fundado, e que nasceu inserido numa perspectiva significativa de mudanças de cenários de produção da Sociologia da educação básica, e que em 2019 realizou um movimento de reconstruções curriculares com

implementação prevista para 2020. Ingredientes como imaginação sociológica e criatividade estão presentes na nova composição, quando Gomes registra a nova arquitetura do curso: *eixo comum da formação geral e específicas* (Sociologia, Antropologia e Ciência Política) interligados entre os cursos de bacharelado e licenciatura da UNIFAL; a *curricularização da extensão* (mais um desdobramento presente na legislação recente) no *núcleo de estudos diversificados e integradores entre Ensino e Ciências Sociais*; e, enfim, a prática como componente curricular no *núcleo de estudo sobre Práticas em Educação* (I, II, III e IV) ministradas na universidade e nos projetos de extensão nas escolas e também interligados com o *estágio supervisionado*.

Cabe ainda mais um destaque, quando o curso não abriu mão de inovações já presentes no currículo antigo, nas disciplinas de Fundamentos da Educação Inclusiva, Relações Étnico-raciais e Educação e Educação Ambiental, mantidas e essenciais na formação docente. Gomes relata ainda que as ementas e a arquitetura do curso foram projetadas, mas que o desafio maior ainda reside/persiste nas lacunas do debate sobre as estratégias para a implantação das práticas, sem maiores orientações oficiais, importantes enquanto processo de planejamento, numa responsividade que é transferida apenas aos professores desta disciplina, que continua uma discussão em aberto e que necessita ser explorada e debatida coletivamente.

*Pesquisando o ensino: Sociologia na educação*, Beatriz Melchiorretto Claudino dos Santos, compõem a seção de resenha crítica do livro coletânea *Sociologia e educação: desafios da formação de professores para o ensino de Sociologia na educação básica*, organizado por Juarez Lopes de Carvalho Filho e Benedito Souza Filho, lançado em 2018. O *livro coletânea* tem em sua essência o caráter coletivo, no compartilhamento de autorias e co-autorias, além da uma materialidade física de ideias que permitem a continuidade de debates e diálogos sobre o ensino de Sociologia na Educação Básica (ERAS, 2015)<sup>3</sup>. Nesse caso, o livro coletânea foi resultado direto do I Encontro de Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), realizado em 2015.

A obra se revela original por dois conjuntos de contribuições: a) apresenta preliminarmente alguns impactos das recentes mudanças legais e projeções para a formação dos professores e a dinâmica da disciplina de Sociologia na educação básica, a partir Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2015) e as equivocadas acusações de doutrinação ideológica-políticas, tributárias às áreas de Ciências Humanas; b) II) as experiências pontuais, que nesse livro coletânea em especial, divulgam diferentes cenários e embates sobre o

---

<sup>3</sup> ERAS, Lúgia Wilhelms; OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Uma Sociologia dos Livros Coletâneas sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica (2008-2013). In: OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de; OLIVEIRA, Amurabi (Org.). *Ciências Sociais e Educação: um reencontro marcado*. Maceió - Al: Edufal, 2015. p. 81-101.

ensino de Sociologia na Educação Básica na região Norte do país (em suas licenciaturas e rede pública e privada de ensino) com contribuições de docentes, pesquisadores, estudantes e pibidianos da Universidade Federal da Amazônia (UFAM), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Instituto Federal do Maranhão (IFMA), contribuições ímpares na apreensão do estado da arte do subcampo do ensino de Sociologia na educação básica.

Na seção de entrevista intitulada *A Perspectiva Ameríndia no Ensino das Ciências Sociais*, realizada por Josefa Alexandrina Silva com Emerson Souza, professor da rede pública estadual de São Paulo e mestrando em Antropologia da USP, dois pontos são salutares: a maneira como a história de vida do entrevistado atravessa a sua produção de pesquisa na investigação da memória e ancestralidade do povo guarani em São Paulo, numa vivência de ressignificações de sua identidade guarani dentro e fora da aldeia, e no exercício da docência em que adota a perspectiva epistemológica ameríndia que orienta suas práticas de ensino. A identidade indígena guarani orientam um processo de desnaturalização e estranhamento, tanto da cultura e do currículo escolar, numa interpretação decolonial do mundo social numa perspectiva ameríndia, toma “a questão indígena como referência para desmistificar a primazia do pensamento etnocêntrico e eurocêntrico”, e na sua prática de ensino confere visibilidade ao conhecimento escolar interétnico em sala de aula, no encontro de horizontes, ao que o entrevistado denomina, a busca de uma simetria entre os saberes da cultura escolar e indígena. Para Emerson Souza, a Sociologia na escola é um espaço de muita potencialidade para dar materialidade e alcance ao que preconiza a Lei 11.645/2008 quanto a presença dos conteúdos da cultura afro-brasileira e indígenas na sala de aula.

Convidamos para que aprecie as diversas modalidades de produções de análises – didáticas, livros coletâneas, livros didáticos, manuais escolares, projeto político pedagógico de curso e jogos didáticos – em diferentes desafios aos quais somos constantemente convocados a contribuir sociologicamente.

Recebido em: 06/01/2020

Aprovado em: 06/01/2020

#### COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

ERAS, Lígia Wilhelms. Apresentação: produções, perspectivas e formações: o sentido das mudanças nos espaços de formação, produção didática e de conhecimentos sobre o ensino de Sociologia na educação básica. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*. CABECS, v.3, n. 2, p.5-10, 2019.